A CONTRIBUIÇÃO DOS MUSEUS E LOCAIS HISTÓRICOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

MARINALVA SOARES DE SOUSA

RESUMO

O artigo em questão visa analisar como os museus e locais históricos contribuem para o ensino de História nas escolas, oferecendo uma abordagem crítica e imersiva sobre o passado. Inicialmente, discute-se a importância desses espaços como ferramentas pedagógicas que permitem aos alunos uma conexão direta com o patrimônio cultural e histórico, proporcionando uma leitura mais profunda e reflexiva da História. Em seguida, destaca-se o papel dos museus na formação da identidade cultural e no respeito à memória coletiva, ressaltando como esses locais favorecem a compreensão de eventos históricos e fortalecem a cidadania. A utilização desses espaços como recursos pedagógicos, quando devidamente contextualizada, é apresentada como uma estratégia eficaz para estimular a reflexão crítica dos estudantes e fomentar habilidades analíticas. Por fim, enfatiza-se o potencial dos museus e locais históricos em transformar o ensino de História, tornando-o mais dinâmico e relevante para a formação de cidadãos conscientes e críticos. O estudo se baseia em uma revisão bibliográfica que fundamenta a importância de integrar o passado com as realidades contemporâneas, preparando os alunos para interpretar e transformar o mundo ao seu redor.

PALAVRAS-CHAVE: Museu, Educação, História.

INTRODUÇÃO

A disciplina escolar de História no Brasil passou por transformações significativas a partir da década de 1960, influenciada por correntes intelectuais que reconfiguraram a forma de abordar o passado e a maneira como ele é ensinado. Inicialmente, a História escolar no país era predominantemente marcada por um olhar eurocêntrico, elitista e, muitas vezes, centrado nas grandes figuras e eventos políticos, com foco nos grandes feitos das elites dominantes. Esse modelo, que muitas vezes desconsiderava as experiências e vozes das camadas populares e das minorias, foi desafiado e remodelado por diferentes correntes de pensamento.

Essa mudança de abordagem não apenas ampliou o objeto de estudo da História, mas também alterou a forma como os documentos e as fontes históricas eram compreendidos, permitindo uma visão mais ampla e profunda do passado e, consequentemente, proporcionando aos estudantes uma compreensão mais rica da realidade histórica.

Por definição, o museu é uma “Instituição dedicada a buscar, conservar, estudar e expor objetos de interesse duradouro ou de valor artístico, histórico" (HOUAIASS, 2001, p. 1234). A origem etimológica da palavra "museu", vem do grego mouseion, significando “templo ou morada das musas”, essa palavra está diretamente ligada à mitologia grega, onde as musas, filhas de Zeus e Mnemosine (a deusa da memória), eram responsáveis por preservar e celebrar a memória das grandes vitórias e feitos dos deuses. Na mitologia, as musas simbolizam a inspiração e a memória, atributos essenciais para a preservação de histórias e conhecimentos. Assim, a origem da palavra "museu" está profundamente conectada à ideia de um espaço dedicado à memória e à celebração de feitos importantes, o que, ao longo do tempo, se consolidou como o conceito moderno de museu como um lugar de preservação, estudo e exibição de objetos históricos e culturais.

Os museus têm suas origens na Antiguidade, mas sua estruturação moderna remonta aos séculos XVII e XVIII, com o surgimento das primeiras coleções públicas e privadas. Inicialmente, eram coleções particulares de monarcas, aristocratas e estudiosos, que buscavam reunir objetos raros e curiosidades para preservar o conhecimento e exibir o poder e a riqueza de seus possuidores.

No entanto, com o tempo, essas coleções começaram a ser abertas ao público, especialmente após a Revolução Francesa, quando o conceito de museu se consolidou como um espaço de educação e difusão cultural. O Museu do Louvre, em Paris, é um dos exemplos mais emblemáticos dessa trans-

formação, sendo aberto ao público em 1793 com o intuito de tornar o patrimônio cultural acessível a todos. A partir do século XIX, com o avanço da ciência e da arqueologia, os museus começaram a se organizar de forma mais sistemática, com a divisão de suas coleções por áreas de conhecimento, como arte, história, ciência e arqueologia, tornando-se espaços de educação e preservação de memória histórica e cultural.

A expografia [...] se ocupa da definição da linguagem e do design da exposição museológica, englobando a criação de circuitos, suportes expositivos, recursos multimeios e projeto gráfico, incluindo programação visual, diagramação de textos explicativos, imagens, legendas, além de outros recursos comunicacionais (FRANCO, 2008, p.61).

A expografia, conforme descrita por Franco (2008), é fundamental no contexto da museologia, pois se dedica à concepção e organização das exposições em museus, o que vai além da simples disposição de objetos; ela envolve a definição de toda a linguagem e do design que estruturam a apresentação museológica, com o objetivo de criar uma experiência imersiva e comunicativa para o visitante.
O museu, enquanto espaço educativo e cultural, desempenha um papel crucial na formação do sujeito, sendo uma ferramenta valiosa na construção da identidade e da compreensão crítica da história e da cultura. Essa interação com a cultura material, que abrange desde artefatos cotidianos até peças de grande relevância histórica, abre um campo de possibilidades para que o sujeito construa sentidos e estabeleça relações mais profundas com os processos históricos.
A sociedade contemporânea, caracterizada pelo presenteísmo e pela negação do passado, enfrenta desafios significativos na construção de uma identidade coletiva e na preservação da memória histórica

"A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal às das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes do que nunca no fim do segundo milênio" (HOBSBAWM, 1995, p. 13).

Este processo de destruição do passado, apontado por Hobsbawm (1995), reflete a crescente desconexão entre as gerações atuais e as experiências históricas que moldaram o presente. Vivemos em uma era marcada pela efemeridade das informações e pela tendência de viver no "agora", sem estabelecer vínculos orgânicos com o que foi vivido anteriormente, essa desconexão com a história, esse desinteresse ou até mesmo a reinterpretação seletiva dos eventos passados (conhecido como revisionismo), tem levado à criação de uma narrativa fragmentada, onde as lições do passado são constantemente revisadas ou esquecidas.
Dentro desse contexto, o papel dos museus se torna ainda mais relevante como ferramenta pedagógica. O museu, enquanto instituição dedicada à preservação e à exposição de objetos históricos, oferece um espaço físico e simbólico para a reflexão crítica sobre o passado. Ele serve como uma resistência ao apagamento histórico, funcionando como um elo entre o presente e o passado, e ajudando a resgatar as narrativas muitas vezes negligenciadas ou distorcidas pela sociedade contemporânea.
A destruição do passado, como descrito por Hobsbawm, é um fenômeno que resulta na perda de uma identidade coletiva compartilhada, essencial para a construção de uma sociedade consciente de seus valores e de seu legado. Nesse sentido, os museus têm a capacidade de transformar esse cenário. Eles não se limitam a preservar artefatos; ao contrário, tornam-se espaços vivos de narrativas históricas, permitindo que as novas gerações se conectem com o passado de maneira mais reflexiva e crítica. Ao promoverem a reflexão sobre o passado, os museus oferecem a oportunidade de enfrentar os revisionismos e as tentativas de apagar a história, reforçando a importância de preservar a memória coletiva para que ela sirva de base para o entendimento do presente e

para a construção de um futuro mais consciente.

LOCAIS HISTÓRICOS COMO FERRAMENTAS DE ENSINO

A história tradicional, como é ensinada nas escolas, geralmente privilegia a transmissão de conhecimentos fechados, onde os alunos são vistos como receptores passivos de informações. Os eventos históricos são frequentemente apresentados de forma distante e abstrata, sem uma conexão direta com o cotidiano dos estudantes.

Atualmente, o Ensino de História nos oferece um campo de possibilidades no que se refere ao saber escolar. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN os conteúdos devem privilegiar a diversidade, diferenças de cultura, crenças, relacionar o passado e presente, utilizar de fontes históricas, identificar grupo indígena da região e seus modos de vida. Contudo, é necessário que tanto o aluno quanto o professor precisam ser reconhecidos como sujeitos da sua própria história (Dias, 2013).

"A história, que faz do tempo a sua figura central, opera transformações no tempo vivido, cujos registros e traços são encontráveis na memória individual e coletiva, para se buscar a inelegibilidade dos eventos e dos significados a eles atribuídos no vivido, é necessário mobilizar operações cognitivas de naturezas diversas, que vão desde a sensibilidade, a intuições, ao rigor analítico no tratamento das fontes, com base na elaboração de hipóteses conceituais" (Siman, 2005, p. 118).

A citação de Siman (2005) ressalta a centralidade do tempo na História, destacando como a interpretação e compreensão dos eventos passados requerem um processo cognitivo que envolve não apenas análise crítica, mas também a mobilização de aspectos sensíveis e intuitivos dos indivíduos. No contexto da utilização de locais históricos como ferramentas de ensino, essa afirmação ganha relevância ao demonstrar como esses espaços permitem que os estudantes vivenciem e percebam o passado de uma maneira mais sensorial e afetiva, facilitando a construção de um entendimento mais profundo dos eventos históricos.

O processo de aprendizagem, nesse caso, não se limita à memorização de datas ou nomes, mas envolve uma imersão na história que ativa a sensibilidade dos estudantes. Eles podem, por exemplo, se emocionar diante de um memorial ou refletir sobre o peso de um determinado local de conflito, o que os leva a um entendimento mais subjetivo e pessoal da História.

Siman (2005) também fala sobre a necessidade de rigor analítico na utilização das fontes históricas. Nesse contexto, os locais históricos podem proporcionar fontes primárias e diretas, como documentos, monumentos e objetos, que são fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico e analítico dos estudantes, esses elementos podem ser analisados e debatidos em sala de aula, promovendo uma reflexão sobre os múltiplos significados que esses objetos e lugares carregam, além de como são usados para construir narrativas históricas.

"as exposições têm o enfoque na comunicação do conteúdo e nos mecanismos de informação para ampliação do espaço de troca e possível interação do visitante com o espetáculo museológico". (ENNES, 2003, p.7).

A partir dessa análise, os alunos são incentivados a formular hipóteses e questionamentos sobre o passado, desenvolvendo uma maior capacidade de crítica e interpretação. A ideia de "comunicação do conteúdo" enfatiza o papel do museu em tornar o conhecimento acessível, não apenas através da exibição de objetos ou artefatos históricos, mas por meio de uma experiência interativa e imersiva.

O desenvolvimento imersivo do aluno em um museu ou em uma visita a locais históricos é um processo significativo que vai além do aprendizado tradicional, proporcionando uma experiência de aprendizado mais profunda e concreta. Quando os estudantes são expostos ao ambiente físico de um museu ou local histórico, eles têm a oportunidade de vivenciar e interagir com a história de maneira palpável, o que facilita a construção de significados e a formação de conexões emocionais e cognitivas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi elaborada com o objetivo de assegurar

uma educação básica que garanta direitos de aprendizagem a todos os estudantes do Brasil, levando em consideração as especificidades regionais, culturais e sociais. Carniel (2019) destaca que a consciência histórica possibilita a reflexão sobre os eventos passados, promovendo a compreensão de como o presente se construiu a partir do passado, e como a memória coletiva pode influenciar as identidades individuais e coletivas.

Assim, ao ensinar História, a escola oferece aos alunos as ferramentas para a construção de um entendimento mais amplo de sua própria trajetória e do mundo ao seu redor. No entanto, essa tarefa exige um olhar atento e reflexivo por parte dos educadores, que devem ser capazes de questionar os conteúdos propostos e fomentar uma análise crítica nas aulas de História, para que os alunos não apenas aprendam sobre o passado, mas também se tornem capazes de compreender o papel da História na construção de suas identidades e na formação de uma sociedade mais justa e democrática.

> "A potencialidade de um trabalho com objetos transformados em documentos reside na inversão de um "olhar de curiosidade" a respeito de "peças de museu" – que na maioria das vezes, são expostas pelo seu valor estético e despertam o imaginário de crianças, jovens e adultos sobre um "passado ultrapassado" ou "mais atrasado" – em "um olhar de indagação", de informação que pode aumentar o conhecimento sobre os homens e sobre sua história" (Bittencourt, 2004, p. 355).

A citação de Bittencourt (2004) destaca a importância da mudança na percepção dos objetos museológicos, sugerindo que, ao invés de serem vistos apenas como "peças de museu" com valor estético ou curiosidades do passado, eles devem ser transformados em "documentos" que promovem um olhar questionador e reflexivo sobre a história. Esse "olhar de indagação" propõe que os objetos não apenas despertem a imaginação dos visitantes, mas também se tornem instrumentos de investigação e análise histórica, permitindo uma compreensão mais profunda das vivências humanas e dos processos históricos que os moldaram. Os objetos, agora compreendidos como documentos vivos de um passado em constante releitura, incentivam os estudantes a questionarem, explorar e conectar esses artefatos com as narrativas históricas, reforçando o papel da História como uma disciplina que não apenas relata o passado, mas o interpreta criticamente.

A utilização de locais históricos como ferramentas pedagógicas no ensino de História tem um impacto profundo na formação de uma consciência histórica crítica e reflexiva nos alunos. Ao invés de tratar os conteúdos de forma abstrata e distante, como é comum na abordagem tradicional, a visita a museus, sítios históricos e exposições proporciona uma imersão que torna o aprendizado palpável e sensorial. Essa experiência ativa, conforme destacam Siman (2005) e Ennes (2003), mobiliza diferentes operações cognitivas, que vão da intuição e sensibilidade ao rigor analítico na análise das fontes históricas, como objetos e monumentos. Bittencourt (2004) complementa essa visão ao sugerir que os objetos históricos, ao serem analisados com um "olhar de indagação", deixam de ser apenas curiosidades estéticas e se tornam fontes ricas para a compreensão dos processos históricos.

Assim, os alunos, ao interagirem com esses objetos, desenvolvem habilidades de interpretação, análise crítica e construção de significados, integrando o passado ao presente de maneira mais concreta e significativa. Nesse contexto, a BNCC também ganha relevância ao assegurar que a História seja ensinada desde os anos iniciais do ensino fundamental, proporcionando as condições necessárias para que os alunos compreendam o papel da História na construção das identidades individuais e coletivas, como destaca Carniel (2019).

O PAPEL DO DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Ao trabalhar com o ensino de História, o professor deve ser capaz de despertar nos alunos a capacidade de questionar e refletir sobre os eventos históricos, ajudando os a perceber a História não como um conjunto de datas e fatos isolados, mas como um processo contínuo e dinâmico que influencia suas vidas e identidades.

A citação de Bittencourt (2011) sobre "trabalhar com alunos de diferentes condições sociais e culturais" p. 228, reflete a importância de considerar a diversidade dos alunos no processo educativo, especialmente no ensino de História. Esse aspecto é essencial para o docente, pois cada estudante traz consigo experiências, vivências e contextos que influenciam sua percepção e entendimento do passado.

A visita a espaços museológicos e históricos oferece uma maneira de tornar o ensino mais inclusivo, acessível e sensível às múltiplas realidades dos estudantes. Os museus e outros locais históricos são fontes ricas de aprendizado que podem ser exploradas de maneiras que atendem a diferentes estilos de aprendizagem, origens culturais, e contextos sociais, sendo particularmente relevante em um ambiente educacional diverso, onde os alunos têm experiências e conhecimentos prévios distintos.

De acordo com a a 25ª Conferência Geral do ICOM (Conselho Internacional de Museus), em Kyoto:

"Os museus são espaços democratizantes, inclusivos e polifônicos que atuam para o diálogo crítico sobre os passados e os futuros. Reconhecendo e abordando os conflitos e desafios do presente, mantêm artefatos e espécimes de forma confiável para a sociedade, salvaguardam memórias diversas para as gerações futuras e garantem a igualdade de direitos e a igualdade de acesso ao patrimônio para todos os povos".

Em um ambiente educativo tradicional, muitos temas históricos podem ser apresentados de maneira linear e uniforme, sem considerar a pluralidade de perspectivas e experiências. No entanto, os museus, ao exibir diferentes narrativas e interpretar a História de múltiplas formas, oferecem a possibilidade de incluir as vozes e as histórias de grupos muitas vezes marginalizados ou invisibilizados, como as populações indígenas, negras, mulheres, e outras minorias. Isso torna o ensino de História mais democrático e representa uma forma eficaz de trabalhar com a diversidade presente nas salas de aula.

Como mencionado na citação do ICOM, os museus são espaços "democratizantes, inclusivos e polifônicos", e a partir dessa perspectiva, o docente tem a oportunidade de explorar essas potencialidades em sala de aula. Ao incorporar locais históricos, como museus e centros de memória, ao processo de ensino, o professor oferece aos alunos uma oportunidade única de vivenciar a História de maneira concreta, dinâmica e sensorial.

O docente deve ser sensível à pluralidade de experiências de seus alunos e, ao mesmo tempo, atuar ativamente para desconstruir a História tradicional que, muitas vezes, privilegia as perspectivas de grupos dominantes. Essa desconstrução deve incluir a valorização das histórias de minorias, como povos indígenas, afrodescendentes, mulheres, pessoas com deficiência, entre outros grupos historicamente marginalizados. É imprescindível que o professor promova um ambiente educacional no qual essas vozes possam ser ouvidas e respeitadas, contribuindo para a formação de uma identidade histórica mais completa e representativa.

"As visitas a museus constituem-se em possibilidades de ampliação da formação acadêmica e profissional, além de favorecer a aprendizagem para além do espaço escolar" (Zarbato 2018, p. 583).

Portanto, a democratização do conhecimento histórico no ensino de História depende diretamente do compromisso do docente em promover uma educação que reconheça e valorize a diversidade de seus alunos. Através de práticas pedagógicas inclusivas, que considerem as diferentes culturas, identidades e contextos dos estudantes, o professor pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e plural, onde todos os grupos sociais possam se sentir representados e respeitados na narrativa histórica.

ABSORÇÃO DE CONTEÚDO POR MEIO DE VISITAS A MUSEUS

As visitas a museus oferecem aos alunos uma oportunidade única de absorção de conteúdo, uma vez que proporcionam uma forma de aprendizado que ativa não apenas o raciocínio lógico, mas também os sentidos, as emoções e a experiência vivencial.

Ao contrário de uma abordagem tradicional que geralmente se limita à transmissão de informações verbais ou textuais, a visita a um museu permite que o estudante se envolva diretamente com os objetos históricos, artefatos, documentos e exposições, promovendo uma aprendizagem mais profunda e multifacetada.
O professor deve atuar como mediador, guiando os alunos na exploração do museu e ajudando-os a fazer conexões entre o conteúdo histórico exibido e a realidade cotidiana. Esse processo de mediação é essencial para que o aluno não apenas absorva o conteúdo, mas também consiga contextualizá-lo e refletir criticamente sobre ele. A interação com os artefatos e as exposições no museu, sob a orientação do docente, permite que os alunos construam um entendimento mais robusto e significativo do passado e suas implicações no presente.
O impacto visual de uma obra de arte ou de uma peça histórica pode despertar uma reflexão profunda, enquanto a atmosfera do ambiente contribui para a construção de uma memória afetiva associada ao conteúdo, facilitando a fixação do aprendizado
Por fim, como discutido previamente, o museu também funciona como um espaço para o desenvolvimento da autonomia intelectual. Ao interagir com o conteúdo histórico de maneira prática e reflexiva, o aluno é encorajado a fazer suas próprias descobertas, formular perguntas e hipóteses, e até mesmo questionar as narrativas estabelecidas. Esse processo de investigação ativa, com a mediação docente, é um passo essencial para o desempenho do aluno na absorção do conteúdo e contexto, contribuindo para o fortalecimento de habilidades cognitivas cruciais para a construção da consciência histórica e o desenvolvimento do pensamento crítico.

No imaginário coletivo, museus são locais sacros, revestidos de uma aura de austeridade e intelectualidade, e precisam ser decodificados para serem apreciados. Ora, se o lazer é prazer, estudar e aprender estão, tradicionalmente, fora dessa categoria. [...] Nos museus, temos de ler, prestar atenção, tentar entender palavras e expressões que, muitas vezes, compõem o vômito verborrágico dos curadores (GONÇALVES, 2006, p. 38).

A citação de Gonçalves (2006) pode ser utilizada para questionar como, muitas vezes, a abordagem tradicional do museu como um espaço rígido e distante pode limitar o aprendizado. O desafio aqui é mudar essa visão de um local sagrado e distante para um espaço democrático, onde o aprendizado histórico possa ser prazeroso e imersivo, como discutido nos tópicos anteriores sobre a importância da mediação docente e a inclusão de múltiplas perspectivas no ensino de História.
O que serve como um ponto de partida para refletir sobre a transformação da função do museu no processo de ensino, quebrando a barreira da formalidade excessiva e tornando-o mais acessível, interativo e envolvente para os alunos, sem perder sua função educativa e crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão e a construção do presente artigo evidenciam a importância dos museus como ferramentas pedagógicas no ensino de História, particularmente no que diz respeito ao desenvolvimento de uma consciência histórica crítica e reflexiva nos alunos.
Ao promover visitas a locais históricos e museus, o ensino de História pode se tornar uma experiência imersiva e enriquecedora, em que os alunos não apenas interagem com o passado, mas também constroem uma compreensão mais profunda e pessoal do mesmo.
O papel do docente nesse contexto é fundamental, pois cabe a ele mediar essa experiência de forma inclusiva e significativa, ao trabalhar com alunos de diferentes realidades sociais e culturais, o professor não apenas transmite conteúdos, mas também cria oportunidades para que os estudantes se vejam refletidos nas narrativas históricas, muitas vezes marginalizadas nas abordagens tradicionais.
Contudo, a inclusão dos museus como ferramentas de ensino no processo de construção da consciência histórica dos alunos revela-se como uma estratégia transformadora, que ao se depararem com objetos, documentos e espaços físicos que carregam em si as narrativas históricas, os alunos são

convidados a ir além da leitura e da teoria.
Como abordado durante o desenvolvimento do artigo, é essencial que o ensino de História não se restrinja ao ensino de um passado distante, mas que consiga dialogar com o presente dos alunos, permitindo que eles compreendam as continuidades e rupturas da história, e como elas moldam as identidades individuais e coletivas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao garantir que o ensino de História seja uma ferramenta para a construção da consciência histórica, mostra-se como um marco importante, não apenas na organização dos currículos escolares, mas também no fortalecimento da educação como um processo de construção identitária, crítica e transformadora.
Em um cenário em que a História ainda é tratada por muitos como um campo fechado e distante, a proposta de incluir os museus e locais históricos como parte integrante do processo de ensino revela-se essencial para democratizar o conhecimento e tornar o aprendizado mais envolvente e acessível.
Dessa forma, a visita a museus e locais históricos se configura não apenas como uma atividade extracurricular, mas como um componente vital para a construção de uma educação mais significativa e contextualizada. Um aprendizado que vai além da sala de aula, que permite ao aluno absorver o conteúdo de forma tangível, sensorial e emocional, criando um vínculo profundo com o conhecimento histórico e, consequentemente, com a própria construção de sua identidade histórica e cultural.

REFERÊNCIAS

BAUER, J. A Construção De Um Discurso Expográfico: Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/121979/Jonei_TCC_museo logia.pdf?sequence=1&isAllowed=y >. Acesso em: 28 ago. 2024.

BITTENCOURT, Circe. Ensino de História: fundamentos e métodos. 4 ed.São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Base Nacional Curricular Comum. Brasília: MEC – Ministério da Educação, 2019.

BITTE, R. C. F. O museu no ensino de história. Educação e Pesquisa, v. 50, 2024.

DA SILVA, Goreti Pélagué Pereira; De Aguiar Pacheco, Ricardo. O uso do museu no ensino escolar de História. 2021.

DIAS, E. Museu e ensino de história: relações e contribuições para o ensino.
Disponível em: < https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/9757/12/11.pdf >. Acesso em: 20 ago. 2024.

DICIONÁRIO. Museu. In: Houaiss, Antônio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1234.

DOS SANTOS REINALDO VERDE, A. P.; MARTINS, E. S. Educação Histórica: o Museu e a importância da história local no ensino de História. Revista Diálogo Educacional, v. 21, n. 69, 10 maio 2021.

ICOM Brasil. Pesquisa ICOM Brasil: nova definição de museu. 2019. Disponível em: https://icom.museum/br/ . Acesso em: 13 ago. 2024.

RUCKSTADTER, Vanessa Campos Mariano; De Assis Marcolino, Gabrieli. O museu como possibilidade no ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental: Uma revisão integrativa de literatura. Pedagógica: Revista do programa de Pósgraduaçao em Educaçao-PPGE, n. 25, p. 7, 2023.

SYLLAS, D.; BEZERRA, M.; TAMANINI, P. A. O museu como espaço de memória: o espaço museológico e o ensino de história. DOAJ (DOAJ: Directory of Open Access Journals), 1 abr. 2019.